

**Uma história por contar: a história da resistência feminina ao regime militar nos livros
didáticos de História**

Vanderlei Machado, Colégio de Aplicação/ UFRGS
vandermachado@hotmail.com

“Não são os documentos históricos que determinam o enfoque historiográfico, mas a mentalidade de quem os interpreta. A narração histórica não é imparcial, como também não o é a narração de um fato observado na atualidade, mas refletem o ponto de vista de que o narra.”

Montserrat Moreno¹

O presente texto trata de questões que deverão ser aprofundadas ao longo do desenvolvimento do projeto de pesquisa, que venho desenvolvendo no Colégio de Aplicação da UFRGS, intitulado “A História das mulheres que os livros didáticos não contam”. Algumas considerações aqui apresentadas tiveram a oportunidade de ser apresentada durante o Encontro Estadual de História da ANPUH-RS, em 2008. Foi nesse ano que uma série de eventos e publicações buscou rememorar os acontecimentos que marcaram o ano de 1968, no Brasil e no mundo. Entre eles, a movimentação política e cultural daquele ano que culminou com a decretação do AI5 e seus desdobramentos na sociedade brasileira. Instigado por tais reflexões, procurei perceber como os livros didáticos de História, do ensino médio, têm abordado a participação das mulheres na luta contra a ditadura que se instalou no Brasil, a partir de 1964. Entendo como formas de lutas femininas a participação das mulheres em diversas frentes, como por exemplo, no movimento estudantil, nos grupos que optaram pela luta armada, nas manifestações de ruas, no movimento pela anistia e pelas eleições diretas.

Na construção desta História, buscarei analisar um conjunto de livros didáticos de História, denominados *livro do professor*, distribuídos pelas editoras com a finalidade de influenciar na

¹ MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

escolha do manual a ser adotado pela escola. Até o presente momento, tive acesso a 13 livros. Os seis restantes não me foram enviados pelas distribuidoras. Os livros analisados, na sua maioria, foram publicados no ano de 2005, na cidade de São Paulo.

Segundo o Catálogo do PNLEM/2008, entre os critérios utilizados na seleção dos livros de História está a necessidade deste material abordar “criticamente as questões de sexo e gênero”.² Apesar deste documento oficial não explicitar o que está entendendo por cada uma dessas categorias de análise, uma rápida folheada nos livros nos remete para o fato destes ainda não terem incorporado as discussões de gênero que vêm sendo elaboradas no campo da História, tanto nas universidades brasileiras quanto em instituições de outros países das Américas e Europa. O que se percebe nos últimos anos, é uma lenta introdução da chamada História das Mulheres. Esta é, como procuraremos demonstrar, publicada nos boxes, em espaço destacado da página, sem qualquer relação com o texto principal.

No material pesquisado, nos capítulos que tratam do período que vai do golpe civil-militar de 1964 até a campanha pelas “Diretas Já”, percebe-se uma centralidade da história política e econômica. No geral, são destacados os eventos que antecederam o golpe, os diferentes governos militares, as crises ou o “milagre” econômico, a luta armada e a repressão, o processo de abertura política, as greves do ABC paulista, a anistia e a redemocratização. Nesta história, como procuraremos demonstrar, sobressai a figura masculina.

A história dos momentos que antecederam ao golpe e dos governos militares começou a ser narrada, nos manuais do ensino médio, ainda durante a ditadura.³ As referências à resistência, a luta armada e a repressão dos órgãos governamentais, como já se era de esperar, começam a ocorrer logo após a abertura política.⁴

Na grande maioria dos livros aqui analisados é recorrente o emprego de sub-títulos onde figuram termos como luta armada, oposição, resistência, repressão, guerrilheiros, anos de chumbo, tortura. Estes espaços descrevem as grandes passeatas promovidas pelos “estudantes” e “artistas”, as greves dos metalúrgicos, os grupos armados, as estratégias dos órgãos de repressão e seus métodos de tortura. Porém, nenhuma referência direta é feita à participação das mulheres nesses movimentos de contestação e de enfrentamento ao regime.

Tal silêncio somente é rompido no livro de Mario Schmidt. Neste, ao longo do capítulo que trata da história da ditadura militar no Brasil são recorrentes as menções às “meninas”, “donas de

² Catálogo do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria da Educação Básica, 200. p. 15.

³ Ver: FAJOLI FILHO, Arnaldo. **História do Brasil**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1977.

⁴ Ver: ALENCAR, Francisco. **História da Sociedade Brasileira**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

casa” e “moças” que se manifestaram ou pegaram em armas contra a ditadura.⁵ Além de ser o único autor a mencionar de maneira direta a participação feminina na luta armada, Mario Schmidt também destoa dos demais ao apresentar uma bibliografia⁶ que aborda essa questão, possibilitando assim que professores e professoras tenham condições de aprofundar o seu conhecimento sobre o tema. Tais referências não evitam, no entanto, que o autor recorra ao masculino genérico em vários momentos de seu texto.

A s mulheres no movimento estudantil: uma história em separado

A representação que prevalece nos manuais analisados sobre o movimento estudantil é a de que este tinha um sexo e era masculino. Segundo a descrição feita por Flávio Campos: os estudantes que protestavam em 1977 eram “cabeludos, barbudos e inconformados”.⁷ Esta imagem nos remete ao fato de que não é somente a utilização do termo “estudante” no masculino genérico que torna invisível a mulher. Na mesma página, em um texto destacado num boxe intitulado “A repressão aos estudantes”, o mesmo autor faz referência a uma reunião ocorrida na PUC-SP, em setembro de 1977, na qual foram discutidos os passos para a reorganização da UNE, quando agentes do Doi-Codi invadiram o local e prenderam 900 estudantes, espancaram dezenas de professores e alunos. A presença de mulheres neste encontro somente é denunciada pela informação de que “uma estudante teve seu rosto desfigurado” após a explosão de uma bomba de gás lacrimogêneo.⁸ É novamente o livro de Mario Schmidt que rompe o silêncio ao mencionar que: “Contra os meninos e meninas do movimento estudantil, foram lançados homens armados até os dentes.”⁹

Apesar da maioria dos livros didáticos de História não tratarem da participação feminina nos grupos que optaram pela luta armada, da presença das mulheres no movimento estudantil e em tantas outras formas de resistência, os autores e autoras fazem menção à tortura infligida as mulheres pelos agentes da repressão. Os textos que discorrem sobre a tortura geralmente aparecem destacados nas páginas dos livros ou como epígrafe. Conforme Gilberto Cotrim, “durante a ditadura militar, a tortura foi utilizada em pessoas de todas as idades, sexo ou situação física e psicológica. Assim, crianças foram sacrificadas diante dos pais, mulheres grávidas tiveram seus filhos abortados,

⁵ SCHMIDT, Mario Furley. **Nova História Crítica**. São Paulo: Editora Nova Geração, 2005. p. 740.

⁶ Os livros citados são: CARVALHO, Luiz Maklouf. **Mulheres que foram à luta armada**. São Paulo: Globo, 1998 e PATARRA, Judith. *Iara: reportagem biográfica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992;

⁷ CAMPOS, Flávio de & MIRANDA, Renan Garcia. **A escrita da História**. São Paulo: Escala Educacional, 2005. p. 606.

⁸ Idem. p. 606.

⁹ SCHMIDT, Mario Furley. Opus cite. p. 740.

esposas sofreram para incriminar seus maridos”.¹⁰ Esta afirmativa, que é confirmada por uma bibliografia especializada, pode causar espanto em alguns/mas estudantes mais atentas/os. Estas/es podem perguntar “mas por que torturar mulheres e crianças?” Qual foi a participação delas na resistência ao regime militar? Apesar da ausência de informações objetivas sobre a participação feminina nas lutas travadas contra a ditadura militar, as descrições de torturas, presentes em alguns dos livros analisados, se referem aos suplícios aplicados aos corpos de mulheres e a seus parentes.¹¹ Pode-se inferir dessa constatação que a menção aos suplícios infligidos aos corpos femininos, despertaria, na opinião dos autores e das autoras, maior atenção nos/as leitores/as.

As imagens como textos

A leitura dos textos dos livros didáticos de História não nos permite perceber, como já afirmamos acima, a participação das mulheres nos eventos que marcaram a resistência ao regime ditatorial que se instalou no Brasil, após 1964. Porém, esse silêncio é rompido quando dirigimos nosso olhar para as imagens presentes em alguns livros didáticos. As fotos que retratam as passeatas estudantis,¹² a marcha dos cem mil, os banidos na hora do embarque, o funeral de estudantes e trabalhadores mortos pelos agentes da repressão, os cartazes dos/as procurados/as, entre outras, denunciam com grande eloquência a presença das mulheres na luta contra o regime militar. Apesar dos textos serem ilustrados com imagens onde aparecem mulheres, isso não nos permite perceber alguma intencionalidade dos autores e autoras, no sentido de destacar a participação feminina nos eventos retratados. Tal inferência pode ser sustentada pelo fato de que, nas legendas, são feitas menções genéricas, utilizando-se termos como populares, jovens, estudantes, manifestantes, presos políticos, para descrever cenas onde figuram homens e mulheres.

Os indícios da participação feminina na luta contra o regime militar no Brasil, presentes em alguns dos livros didáticos de História, através de fotografias e relatos de torturas, podem passar despercebidos de muitos professores e professoras das escolas brasileiras. Mesmo nos momento de rememoração, o que se percebe é uma reticência sobre este tema, tanto na academia quanto na mídia em geral. Recentemente a revista *Caros Amigos* publicou um conjunto de 12 fascículos abordando a ditadura militar no Brasil. Nos números 7 e 9, notadamente, foi publicada uma série de informações sobre a participação de mulheres na luta contra o regime militar, seja pegando em

¹⁰ COTRIM, Gilberto. **História Global: Brasil e Geral**. São Paulo: Saraiva, 2005. p. 562.

¹¹ Ver: MOTA, Miryam Becho & BRAICK, Patrícia Ramos. Opus cit. p. 162; CAMPOS, Flávio de & MIRANDA, Renan Garcia. Opus cit. p. 590.

¹² MOTA, Miryam Becho & BRAICK, Patrícia Ramos. **História das cavernas ao terceiro milênio**. São Paulo: Moderna, 2005. p. 159.

armas ou não. Em algumas fotos que ilustram as matérias é possível ver imagens de corpos dilacerados, de homens e mulheres, que foram mortos nos porões do regime.¹³

A História da participação das mulheres na luta contra a ditadura, como se buscou demonstrar, ainda está excluída da grande maioria dos livros didáticos de História distribuídos pelo governo federal aos alunos e alunas das escolas públicas brasileiras. Isso resulta, em certa medida, de uma visão da história como sendo do homem o comando político e à mulher resta o privado.

Nas estantes das bibliotecas universitárias ainda são poucos os livros e teses que abordam esse tema.¹⁴ Tal situação, certamente, é pior nas bibliotecas das escolas públicas. Devido ao fato de serem distribuídos gratuitamente entre os/as estudantes do Ensino Médio de todo o Brasil, os livros didáticos podem contribuir para desconstruir ou para reforçar estereótipos de gênero, de classe, de etnia, entre outros, presentes em nossa sociedade. Ao se abordar a História da participação feminina nas lutas pela cidadania e no combate as desigualdades econômicas, sociais e de gênero, estaremos contribuindo para ampliar os horizontes de expectativas de meninos e meninas, demonstrando que tanto as mulheres quanto os homens podem participar da esfera pública política. Com esse objetivo, a história da participação feminina nos movimentos que combateram a ditadura no Brasil é uma história que precisa ser contada.

Livros didáticos analisados – Distribuídos pelo PNL/2008

BRAICK, Patrícia do Carmo R. & MOTA Myriam Becho. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. Vol. 3. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

CAMPOS, Flávio de & MIRANDA, Renan Garcia. *A escrita da História*. São Paulo: Editora Escala, 2005.

COTRIM, Gilberto Vieira. *História Global: Brasil e geral*. São Paulo: Editora Saraiva, 2005.

FIGUEIRA, Divalte Garcia. *História*. São Paulo: Ática, 2005.

¹³ Coleção Caros Amigos. **A ditadura militar no Brasil**: a história em cima dos fatos. São Paulo: Editora Casa Amarela. 2007. Fascículo nº 7 e nº 9.

¹⁴ Sobre a História da participação feminina na luta contra a ditadura no Brasil ver: CARVALHO, Luiz Maklouf. **Mulheres que foram à luta armada**. São Paulo: Globo, 1998; COLLING, Ana Maria. **A resistência da mulher à ditadura militar no Brasil**. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997; COSTA, Albertina de Oliveira, (Et al). **Memórias das mulheres do exílio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980; FERREIRA, Elizabeth F. Xavier. **Mulheres, militância e memória**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996; GARCIA, Marco Aurélio. O gênero da militância: notas sobre as possibilidades de uma outra história da ação política. **Cadernos Pagu**, Campinas (SP) n. 8/9, p. 319-342, 1997, p.338; PAIVA, Maurício. **Companheira Carmela**. Editora MAUAD, 1996; PATARRA, Judith. **Iara: reportagem biográfica**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992; RIDENTI, Marcelo Siqueira. As mulheres na política brasileira: os anos de chumbo. **Tempo Social**, Revista de Sociologia da USP, 1996; SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol. 12, n. 2, 2004, p. 35-50; VIANNA, Martha. **Uma tempestade como sua memória: a história de Lia, Maria do Carmo Brito**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

LIMA, Lizânias de Souza; CARVALHO, Yone de; PEDRO, Antonio. *História do Mundo Ocidental*. São Paulo: Editora FTD, 2005.

MOCELLIN, Renato. *História*. São Paulo: Editora IBEP, 2005. Coleção Vitória-Régia.

MORAES, José Geraldo Vinci de. *História Geral e do Brasil*. São Paulo: Atual, 2005.

OJEDA, Eduardo A. B.; PETTA, Nicolina L.; DELFINI, Luciano Emidio. *História: Uma abordagem integrada*. São Paulo: Editora Moderna, 2005.

REZENDE, Antonio Paulo & DIDIER, Maria Thereza. *Rumos da História*. São Paulo: Atual, 2005.

SCHMIDT, Mario Furley. *Nova História Crítica*. São Paulo: Editora Nova Geração, 2005.

SENIZE, Maria Helena V.; PAZZINATO, Alceu. *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

SERIACOPI, Gislane Campos Azevedo & SERIACOPI, Reinaldo. *História*. São Paulo: Editora Ática, 2005.

TEIXEIRA, Francisco Maria Pires. *Brasil – História e Sociedade*. São Paulo: Editora Ática, 2005